



Faculdade de Educação Física
da Universidade de Brasília

DISCENTE: THIAGO HENRIQUE FERNANDES

ORIENTADOR: AMÉRICO PIERANGELI COSTA

Artigo formatado conforme a revista: REMARK

“O comportamento de consumo de corredores de rua em uma rede social à luz da teoria da prática”

BRASÍLIA – DF

2016

Resumo

As corridas de rua podem ser compreendidas como uma das formas mais simples de prática do exercício físico. Sua história tem demonstrado riqueza de variações no formato de sua prática. Estudos em marketing e comportamento do consumidor têm sido realizados em campos empíricos que permitam compreender fenômenos complexos relevantes da vida social. A teoria da prática, proposta como alternativa contemporânea de compreensão de fenômenos do consumo, acrescenta novos pressupostos que guiam a busca do entendimento do consumo com base nas rotinas dos indivíduos. Esta pesquisa teve por objetivo compreender o comportamento de consumo dos corredores de rua na rede social *facebook*, utilizando como abordagem, a teoria da prática. Foi utilizado, neste estudo, a proposta dos elementos da prática como categorias de análise dos dados coletados. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo e a abordagem das coocorrências como forma de melhor entender a configuração dos elementos das práticas com os momentos de consumo. O consumo dos corredores de rua foi descrito por 205 coocorrências entre 11 categorias, citadas no presente estudo. As corridas de rua demonstraram compor parte relevante das rotinas de seus praticantes. Os momentos de consumo de consumo parecem receber forte influência dos elementos das práticas que demonstraram boa aplicabilidade de descrição do comportamento de consumo nesse mercado.

Palavras-chave: Corridas de rua. Comportamento do consumidor. Teoria da Prática.

Abstract

Road running can be understood as one of the simpler forms of physical exercise. Its history has demonstrated a richness of variations in the format of its practice. Marketing and consumer behavior studies have been conducted in empirical fields, which allows the understanding of complex phenomena relevant to social life. The practice theory, proposed as a contemporary alternative of understanding consumption phenomena, adds new presuppositions that guide consumption understanding as base of the routines of individuals. This research had the objective of understanding the consumer behavior of street runners in the social media facebook, using as approach the practice theory. In this study, we proposed the use of practice elements as analysis categories for the collected data. We used the technique of content analysis and the approach of co-occurrences as a way to better understand the configuration of the elements of the practices with the moments of consumption. The consumption of street runners was described by 205 co-occurrences among 11 categories, cited in the present study. Road running have been shown to be a relevant part of their practitioners' routines. The moments of consumption seem to receive a strong influence of the elements of the practices that demonstrated good applicability of description of the consumption behavior in this market.

Keywords: Road running. Consumer behavior. Practice theory.

1 - INTRODUÇÃO

As corridas de rua surgiram na Inglaterra no século XVIII onde se popularizaram e posteriormente, a modalidade expandiu-se para o restante da Europa e Estados Unidos. No final do século XIX, após a primeira Maratona Olímpica, as Corridas de Rua ganharam impulso e popularizaram-se particularmente nos Estados Unidos (RUNNER'S WORLD, 1999).

Em um passado mais recente, em meados da década de 1970, a prática de corridas passou a ter um caráter associado à saúde tendo como marco o trabalho realizado pelo médico americano Kenneth Cooper. O método de prática de exercício e teste de aptidão desenvolvidos pelo médico impulsionaram a prática dessa modalidade dentre a população que buscava melhor qualidade de vida naquele país, influenciando também, povos de outras nações (COSTA, 2016).

O número de participantes nas corridas de rua no Brasil e no mundo passaram por um período de grande crescimento. Isso ocorreu devido a alguns fatores como a busca por sair do sedentarismo, participar de algum grupo, seguir recomendações médicas ou perder peso (FONSECA, 2012).

O grande crescimento das corridas de rua nos últimos anos teve por consequência o significativo aumento do número de atletas amadores. Isso gerou uma substancial mudança na organização das provas (FONSECA, 2012).

A modalidade se destaca por alcançar diferentes públicos que se transformam em corredores em pouco tempo. A atividade proporciona fácil acesso para todas as classes sociais e favorece a prática pela pouca dependência de equipamentos ou ambientes específicos e controlados (COSTA, 2016).

Para se participar de algumas corridas, tanto no Brasil como no exterior, é necessário fazer as inscrições com antecedência, pois as vagas se esgotam rapidamente. A Maratona de Boston e a corrida de São Silvestre hoje precisaram limitar suas inscrições a 25.000 e 20.000 atletas, respectivamente, devido à alta demanda de indivíduos buscando por esses tipos de prova (DALLARI, 2009).

As corridas de rua compreendem um fenômeno importante que movimenta quantias expressivas de pessoas, recursos e valores, atraindo inclusive participantes e atletas de outros

países e movimentam diversos setores da economia como o turismo, vestuário e saúde (LOURENÇO, 2006).

Portanto, é notável que as corridas de rua constituem um grande fenômeno social, cultural e econômico da prática de atividade física na atualidade (COSTA, 2016; DALLARI, 2009). Hoje em dia a atividade já conta com milhares de corredores, tanto profissionais quanto amadores.

Por consequência, a prática vem trazendo consigo uma gama de possibilidades na área de entretenimento, consumo, diversão, relaxamento e serviços. Aliado a essa conduta, o ator principal (o corredor) recebe informações e influências vindas do mercado, da sua própria prática e de companheiros ou amigos praticantes.

A atualidade do fenômeno se comporta de forma paradoxal à sua essência simples, pois envolve uma complexidade recente de tecnologias, vastidão de produtos e serviços ofertados aos praticantes e megaestruturas em eventos organizados em escala e com apropriações mercadológicas (COSTA, 2016).

2 - CORRIDAS DE RUA

Existe neste esporte uma facilidade e simplicidade de prática uma vez que não se exige muitos equipamentos nem mesmo estruturas exclusivas para sua performance (SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006; RIBEIRO; LOVISOLO, 2013).

Percebe-se nessa prática benefícios de relevância social como o combate a endemias importantes como a obesidade, as doenças crônicas não transmissíveis, dislipidemias e até mesmo patologias de ordem emocional. Praticantes da corrida de rua se beneficiam da melhora da aptidão física, da condição emocional, de diversas condições funcionais e sociais (TRUCCOLO et al., 2008).

Entretanto, grande parte da população brasileira e mundial apresenta índices de obesidade e sedentarismos preocupantes. Estima-se que no Brasil apenas 31% dos homens e 16% das mulheres jovens possuem momentos de lazer ligados à atividade física (BRASIL, 2010). Ao utilizar a teoria da prática como forma de entendimento de comportamentos de consumo, Shove (2005) verificou que algumas práticas corporais amplamente praticadas em alguns países não são reproduzidas em outros.

Essa teoria pode contribuir para o melhor entendimento do fenômeno das corridas de rua, uma vez que parte do pressuposto de que as rotinas das pessoas balizam seus

comportamentos e, por conseguinte, o consumo. Nesse sentido a corrida de rua é um fenômeno que é consumido por seus praticantes e ao mesmo tempo leva à diversos momentos de consumo de produtos e serviços em função de suas reproduções.

3 - TEORIA DAS PRÁTICAS

O corredor de rua, como consumidor do próprio ato de correr e de nuances que variam das mais sutis às mais elaboradas, torna-se um ator com importante tessitura contextual e social (COSTA, 2016).

A teoria das práticas sociais como forma de estudar o consumo resgata a prática como um elemento central ao se observar as relações sociais que são constituídas por rotinas e elementos que vão sendo mantidos, reconfigurados e até mesmo extintos de acordo com o comportamento das pessoas (SCHATZKI; CETINA; VONSAVIGNY, 2001).

As práticas e a organização na rotina dos praticantes promovem os momentos de consumo, onde por meio deste é possível o entender do caminhar mercadológico e decisões que o compõe (BORELLI, 2012; SHOVE, 2005; WARDE, 2005).

A aplicação da teoria da prática como forma de estudar o consumo foi proposta por WARDE (2005) e reforçada por autores que defendem sua aplicação uma vez que estas se encontram associadas à área de estudos organizacionais e até mesmo em áreas como tecnologia, serviços públicos, sustentabilidade, dentre outros e ainda sim pouco desenvolvidas no tocante a estudos em marketing e comportamento do consumidor (ARAUJO et al., 2008; HALKIER et al., 2011).

Grande parte dos estudos que utilizaram a teoria da prática abordaram temas ou objetos de pesquisa relacionados à alimentação (BUGGE; ALMAS, 2006; HAND; SHOVE, 2007; TRUNINGER, 2011; CRIVITS; PAREDIS, 2013; PLESSZ et al., 2014). Entretanto a teoria da prática associada ao consumo foi aplicada em diferentes campos empíricos como o consumo de música ou práticas relacionadas a artesanato e manutenção de objetos (WATSON; SHOVE, 2008; MAGAUDDA, 2011).

Ressalta-se que as práticas corporais se aproximam de aspectos relevantes para o estudo e aplicação destas teorias. Um estudo que teve por campo empírico a caminhada nórdica revelou que diferentes percepções desta prática fizeram com que ela fosse bem aceita em alguns países e em outros não (SHOVE, 2005).

Dessa forma, a compreensão da prática de corridas de rua pode contribuir para a discussão da utilização da teoria da prática no estudo do consumo, bem como podem colaborar para o entendimento de práticas ligadas à atividade física, uma vez que corridas de rua é a segunda atividade mais praticada no Brasil em número de praticantes (CORPORE, 2014).

A teoria da prática como forma de entendimento do consumo apresenta desafios do ponto de vista metodológico e da diversificação de campos empíricos. Os desafios apresentam-se no sentido do amadurecimento de sua aplicação em estudos científicos. Os modelos teóricos baseados nesta perspectiva não são numerosos. Tais lacunas, metodológica e teórica somadas ao campo empírico complexo das corridas de rua motivaram a construção deste trabalho.

Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa foi compreender como o consumo é retratado por meio das práticas dos corredores de rua reproduzidas em uma rede social. Para tanto, foi utilizada como base conceitual a teoria das práticas (WARDE, 2005; SCHATZKI, 2002) e a proposta de utilização de elementos das práticas como categorias de análise (COSTA, 2016)

4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza exploratória e de paradigma qualitativo quanto à sua organização e análise. Pretendeu-se com esta incursão desenvolver um entendimento diferenciado do consumo tendo por base a teoria da prática que assume o consumo como resultante de ações rotineiras.

A natureza da pesquisa se fundamenta na base da interpretação mais densa e qualificada do consumo de corredores de rua a partir de suas práticas. A pesquisa qualitativa trata de uma descrição em profundidade considerando a interconexão entre a análise do comportamento e do sentido (LIMA, 1999).

A amostra foi selecionada dentro do principal grupo da rede social *facebook* no Brasil mediante a busca com a palavra-chave “corrida de rua”, tendo como base o maior número de participantes. Também compreendeu os sujeitos que interagiram de forma ativa no grupo e que integraram a linha do tempo do mesmo em um espaço de um mês.

Como nessa rede social, em específico, a exposição dos dados gerados pelos usuários se dá ao longo de um espaço denominado *timeline* ou ‘linha do tempo’, ela se configurou

como a melhor opção para capturar as reproduções de rotinas associadas à corrida de rua. Nesse sentido, os momentos de consumo a partir das exposições realizadas pelos usuários do grupo, seja por meio de imagens, fotos, vídeos, textos, comentários e demais formas de interação permitidas dentro desta plataforma foram categorizados conforme as descrições

Dessa forma, a coleta do material analisado foi realizada de forma periódica pelo autor da presente pesquisa, por meio da cópia do conteúdo gerado no grupo, sendo feita uma nova coleta a cada dois dias. Os dados foram registrados e arquivados em arquivos digitais de texto e arquivados de acordo com a data.

O recorte temporal da coleta de dados foi limitado ao período de 1 (um) mês devido ao grande número de unidades de registro geradas pelos usuários do grupo, que somaram um total de 450 unidades de registros. A unidade de registro é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e/ou a contagem frequencial (BARDIN, 2011).

Após a coleta de dados, procedeu-se à técnica de análise de conteúdo. Para Bardin (2011), este método pode ser utilizado para a análise de documentos.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas, um leque de recursos adaptável a um campo de aplicação vasto que são as comunicações. Segundo Bardin (2011), “qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo”.

Dentro desta, os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns.

A coocorrência é a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto. Já a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro, e corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões (superiores às da unidade de registro), são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro (BARDIN, 2011).

Segundo Vergara (2015), um dos passos da análise de conteúdo é a definição do tipo de grade para análise entre os tipos: fechada, aberta e mista. Na grade fechada definem-se de forma preliminar as categorias de análise e, durante a análise do material, os recortes são atribuídos às categorias predeterminadas. Já na utilização da grade aberta, identificam-se categorias de análise conforme os recortes são agrupados pelo pesquisador.

A categorização é o processo em que são criadas rubricas ou classes nas quais os recortes são agrupados. Essas categorias devem possuir um título genérico capaz de identificar aquele conjunto que ali foi reunido por algum critério. Também é um processo de diferenciação e reagrupamento por critérios previamente definidos (BARDIN, 2011).

No presente artigo, adotou-se a grade fechada ao aplicar o modelo de categorias de análise sugerido por Costa (2016) que propôs os elementos das práticas como categorias de análise.

Para tanto, as categorias foram criadas e analisadas com base em um processo que procurou organizar as mensagens por meio de seu significado. O *software* utilizado como ferramenta de análise permitiu que os dados fossem facilmente organizados dentro das categorias previamente estabelecidas por Costa (2016). Dessa forma, 11 (onze) categorias relativas aos elementos das práticas foram utilizadas, com uma adaptação realizada por meio da união da categoria ‘Experiências Adquiridas (*know how*)’, com a categoria ‘Conhecimento, entendimentos e aprendizados’. Além disso, subcategorias que possuem relação de significado direto com sua respectiva categoria definidos por Costa (2016), serão apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1 - Categorias para análise de conteúdo.

Categorias	Subcategorias	Categorias	Subcategorias	
Conhecimento, entendimentos e aprendizados	Biomecânica	Interseções	Desempenho profissional	
	Fisiologia		Namoro / flertes	
	Treinamento esportivo		Outros esportes	
	Equipamentos		Ouvir música	
	Hidratação		Práticas alimentares	
	Nutrição		Práticas familiares	
	Culturas locais (Viagens)		Práticas femininas (Diferenças de gênero)	
	História de provas e de corredores		Recuperação de lesões	
	Lesões		Sono	
	Pesquisas científicas		Viagens e turismo	
	Prevenção de doenças		Adaptações ao clima	
	Cuidados pessoais / estéticos		Descanso	
	Doping		Preparação Física e Prevenção	
	Maus hábitos		Treinamento	
	Mitos		Chamar pessoas para correr	
Experiências adquiridas (know-how)	Performances (em preparações e em competições)	Representações (atuações)	Comemorar	
	Experiência e participações em eventos		Exageros	
Atividades mentais	Admirar paisagens / arquiteturas		Incitar Pessoas	
	Corrida como terapia		Quadro de medalhas	
	Planejamento		Redes sociais (virtuais ou não)	
	Preparação Mental		Se comparar/competir com o outro	
Estados emocionais	Apoio de amigos / família / público	Objetos, apropriações e utilizações	Produtos	
	Críticas e falta de entendimento		Serviços	
	Alegria, felicidade	Resistência ao consumo e economia		
	Superação / dever cumprido	Ações promocionais das corridas		
Conhecimento motivacional	Benefícios percebidos	Trajatória	Correr fantasiado	
	Causas sociais e ambientais		Corridas como promoção de outros negócios	
	Motivações		Incentivo corporativo/institucional	
	Valores		Inovações	
Engajamento	Disciplina, determinação, persistência		Patrocínio	
	Frequência em provas		Práticas amadoras	
	Mudança de hábitos		Profissionalização da organização dos eventos	
Hierarquias	Concorrência com outras práticas		Segmentos específicos	
	Horários/Adaptação à rotina		Segurança	
	Hierarquias dentro da prática		Valor percebido	
				Variações das provas

Fonte: Costa (2016).

As categorias resultantes desta etapa serão detalhadas no próximo tópico que abordará a explicação detalhada de cada uma delas por meio das unidades de análise presentes nos dados obtidos.

4.1 – Descrição das Categorias

As aproximações entre os pressupostos da teoria da prática e o objeto de análise foram realizadas por meio da utilização dos elementos das práticas como categorias segundo proposto por Costa (2016). O conjunto de significados presentes nos dados resultou na utilização das categorias que serão descritas a seguir.

4.1.1 - Conhecimento, entendimentos e aprendizados

Os entendimentos sobre uma prática possuem uma dinâmica que se completa pelo aprendizado em outras práticas e pelo conhecimento adquirido ao longo da vida (GRAM-HANSEN, 2011; SCHATZKI; CETINA; VONSAVIGNY, 2001).

A categoria engloba as regras, as instruções os preceitos sobre determinada prática. Entretanto, a dinâmica da prática promove o aprendizado constante de aspectos relacionados aos preceitos e formato atual de uma prática.

Já o *know-how* ou experiência adquirida (antiga categoria ‘Experiências Adquiridas’, unida à esta) pelo indivíduo é caracterizado por meio de vivências que somadas, colaboram para execução de certas atividades. O conjunto de práticas que uma pessoa desenvolve é capaz de gerar um corpo de conhecimento não transmitido, embora relevante para a compreensão da constituição de uma prática. Essa prática pode ser específica ou pertencer a um conjunto de práticas que se relaciona por aspectos comuns (COSTA, 2016).

Por exemplo, a forma com a qual uma pessoa lida com tecnologia parece afetar diferentes práticas que tem por característica comum a presença deste conjunto de conhecimento necessário para a sua execução (GRAM-HANSSSEN, 2011).

As experiências adquiridas podem contribuir para percepções mais apuradas ao se relacionar consumo e desempenho. À medida que se vivencia a prática, a posse de objetos simbólicos no contexto das corridas de rua parece receber novos significados (COSTA, 2016).

4.1.2 – Atividades mentais

As práticas são atividades rotineiras que não podem ser separadas das compreensões de seus executantes. Por mais instrumental que seja uma prática, não se separam as atividades mentais de seu praticante no momento de seu desempenho (COSTA, 2016).

No mesmo sentido, uma atividade essencialmente mental, como o hábito de estudar, não acontece de forma separada das rotinas corporais do momento de estudo. (MORING; LLOYD, 2013). Os autores ressaltam ainda que as atividades mentais complementam o processo de significação das experiências cotidianas.

Os corredores de rua manifestaram frequentemente a busca por novos cenários para sua prática. Destacaram ainda que, as corridas de rua disputadas sempre nos mesmos locais passam a ficar enfadonhas. Essa rubrica aproxima-se de outras, uma vez que corredores buscam diferentes locais para disputarem suas provas (COSTA, 2016).

A rotina de correr por locais abertos e longe das tradicionais academias foi associada a um aspecto interessante das atividades mentais da corrida de rua. Essa prática parece contribuir para o combate a problemas relacionados à mente como depressão, estresse, ansiedade, dentre outros. A corrida parece proporcionar uma atividade de higienização da

mente, um processo terapêutico narrado por diversos praticantes em grupos variados (COSTA, 2016).

Segundo Costa (2016), a corrida de rua como prática parece despertar estados emocionais positivos em seus adeptos. Porém, os estados emocionais vivenciados pelos corredores de rua serão descritos no próximo tópico. Eles são diferentes das atividades mentais descritas uma vez que essas atividades são processos imateriais com objetivos definidos.

4.1.3 – Estados emocionais

Os estados emocionais podem ser caracterizados em um primeiro momento como situações ou variações emocionais relativas ao indivíduo. Entretanto, segundo Reckwitz (2002), cada prática contém certa especificidade e emotividade característica.

O que se deseja e o que se sente, em uma rotina, pertencem à prática e não ao praticante. Esses estados emocionais da prática são registrados na forma de conhecimento do indivíduo quando ele experimenta à prática e suas variações.

Segundo Costa (2016), a prática da corrida de rua desperta estados emocionais em sua maioria positivos.

Por exemplo, a alegria e a felicidade vividas após completar uma prova, superar um limite, vencer um desafio foi um tipo de estado emocional citado em diversos momentos e observado em grande parte das corridas. Esse elemento parece contrabalançar a ausência de entendimento dos não corredores presente em algumas relações sociais dos corredores.

4.1.4 – Conhecimento motivacional

O comportamento de consumo de um indivíduo compreendido pela abordagem da prática apropriada de um conjunto de elementos que extrapolam as estratificações sócio demográficas, as diferenças de atitudes e as motivações como componentes isolados (WARDE, 2005).

O conhecimento motivacional pode explicar o grau de envolvimento das pessoas em cada ação desenvolvida em blocos temporais de rotinas. A organização das rotinas aparenta estar associada a questões motivacionais, conforme defendeu Warde (2005) ao argumentar sobre a importância do conhecimento motivacional da prática explicar a configuração das rotinas das pessoas.

4.1.5 – Engajamento

O engajamento em uma prática diz respeito a quanto um indivíduo está envolvido com os demais elementos que a constitui (COSTA, 2016).

O engajamento parece estar presente nas rotinas de corredores independentemente de sua experiência ou do nível dos objetivos almejados. Entretanto, a fase inicial da prática parece exigir maior atenção nas adaptações que o esporte exige.

Percebe-se que a dedicação dos corredores é proporcionalmente aumentada, à medida que novos planos vão sendo traçados. A complexidade da prática parece aumentar, fato que pode refletir em outros elementos da prática e, por conseguinte, podem modificar os momentos de consumo (COSTA, 2016).

O engajamento pode ser compreendido por uma força que mantém ou direciona hábitos. O direcionamento de hábitos em uma prática parece provocar mudança de hábitos relativos a outras práticas.

O engajamento pode configurar mudança na organização das rotinas, na forma de compreender algumas questões. Por conseguinte, ele está relacionado ao consumo e à economia por meio do abandono de rotinas ou da mudança do conjunto de práticas que um indivíduo incorpora (COSTA, 2016).

O engajamento na prática da corrida de rua parece estar fortemente associado à forma como estabelecemos hierarquias entre a corrida e outras práticas do cotidiano. Essa associação pode contemplar a compreensão de quanto os demais elementos das práticas associam-se a momentos de consumo (COSTA, 2016).

As análises da hierarquia como categoria relacionada à corrida de rua são descritas no próximo tópico.

4.1.6 - Hierarquias

As hierarquias das práticas compreendem processos de ordenamento de atividades desempenhadas por um indivíduo. O indivíduo visto como um portador de práticas (RECKWITZ, 2002), parece optar por um conjunto limitado de práticas em esquemas temporais.

Este conjunto nem sempre é ordenado de maneira estática ou linear (WARDE, 2005). As práticas aparentam constituir um jogo de forças que podem se opor, no caso de hierarquias ou se complementar nas interseções das práticas.

As hierarquias foram divididas por Warde (2005) entre as práticas e dentro das práticas. Algumas habilidades aparentam ser reconhecidas dentre as pessoas que compartilham de uma mesma prática (TOFT-NIELSEN; STINNE GUNDER STRØM, 2015). Algumas diferenças entre as habilidades dos praticantes da corrida de rua parecem se adequar a classificação dentro da prática (COSTA, 2016).

As hierarquias atendem ao critério de concorrência com a prática principal analisada. Já as interseções que serão apresentadas no próximo tópico, demonstraram pontos comuns, elementos de ligação com as corridas de rua.

4.1.7 – Interseções

As interseções das práticas se apoiam no conceito do indivíduo como portador de práticas (RECKWITZ, 2002). Algumas práticas presentes nas rotinas dos corredores de rua aparentam colaborar com peculiaridades presentes na prática da corrida de rua.

Segundo um estudo realizado por Costa (2016), as corridas de rua foram relacionadas a elementos presentes em outras práticas que constituem as rotinas de seus praticantes. As associações positivas entre as práticas guiaram a inclusão dessas rubricas no grupo das interseções relacionadas à corrida de rua.

De acordo com o mesmo autor, as interseções parecem demonstrar uma influência mútua entre as práticas relacionadas.

Um exemplo é o hábito de ouvir música comum entre corredores de rua, bem como há relatos da existência na internet de listas de músicas específicas para a prática da corrida em diferentes níveis de treinamento. Essas listas também costumam ser distribuídas por meio de aplicativos de celulares.

4.1.8 – Atividades Corporais

A corrida de rua como campo empírico possui a particularidade de ser uma prática essencialmente corporal. Outra característica é a essência minimalista de sua prática.

Parte das rotinas corporais da corrida de rua está associada às adaptações climáticas. No estudo realizado por Costa (2016), foi constatada a preferência, por grande parte dos

corredores de rua, por desenvolver a prática ao ar livre o que condiciona ao corpo, constantes estados de adaptação às condições climáticas da prática.

Cabe ressaltar que as características climáticas de alguns locais podem ser consideradas como atrativos de certas provas. Nesse sentido, as alternativas para a preparação em relação ao clima se reduzem ao treinamento em condições similares buscando-se assim, as adaptações do corpo para a prática.

O treinamento é a principal rotina da prática da corrida de rua. Nesse sentido, todos os elementos. Ele contempla desde as motivações para a prática da corrida de rua até o desempenho final conseguido por meio da atuação do praticante em uma prova. A maior parte das rotinas dos corredores de rua acontece na forma de preparação para atuação nas competições (COSTA, 2016).

Nesse sentido as atuações e representações realizadas pelos praticantes das corridas de rua não podem ser reduzidas na disputa ou na tentativa de vencer o percurso nas competições.

4.3.9 – Representações (Atuações)

As práticas possuem entre suas características elementos que não são compreendidos fora de sua totalidade, deslocados da conexão que existe entre seus significados. Entretanto, para que uma atividade possa ser compreendida como uma prática, algumas condições parecem preceder outras.

A característica rotineira das práticas foi apresentada pela pesquisa de Costa (2016) como condicionante de interpretação. Contudo, as práticas também possuem nas representações, atos performáticos essenciais para sua constituição (HALKIER; KATZGERRO; MARTENS, 2011; MORING; LLOYD, 2013).

As ações performáticas foram traduzidas pela presente pesquisa como representações que caracterizam o praticante como um ator, um representante de seus próprios entendimentos sobre a prática (COSTA, 2016).

Esses entendimentos envolvem a compreensão da trajetória da prática e as modificações que a ação humana vai exercendo na história da constituição de uma rotina. As representações das práticas, assim como os outros elementos, devem ser analisadas com base no reconhecimento analítico das práticas (HALKIER; JENSEN, 2011).

A atuação dos corredores de rua consiste em uma espécie de responsabilidade representativa dos benefícios percebidos pela prática. Nesse sentido, os corredores de rua convidam pessoas e tentam chamar para o universo da prática, as pessoas que não compartilham de suas rotinas (COSTA, 2016)

Os corredores de rua aparentam forte tendência em incentivar pessoas a buscarem a prática. Esta característica foi percebida em fortes coocorrências com os valores universalismo e benevolência presentes na categoria estados emocionais (COSTA, 2016).

A subcategoria “Se comparar/competir com o outro” é parte da rotina de boa parte dos corredores de rua. É comum que essas pessoas forneçam os próprios dados para que comparações aconteçam. Existe uma grande quantidade de aplicativos para celulares ou que acompanham os relógios que tem funções como GPS, controle de calorias, batimentos cardíacos.

Essas tecnologias são integradas às redes sociais virtuais dos corredores que costumam ser abastecidas com informações de suas atuações. Essas informações podem compreender uma quantidade simples de detalhes, como a foto tirada em um determinado evento, ou podem conter um mapa do percurso percorrido com todos os detalhes da altimetria, *pace* (tempo gasto por quilômetro), calorias perdidas e tempo gasto.

Esse conjunto de informações representa uma simbologia virtual da atuação dos corredores de rua em provas ou em treinamentos. Entretanto, as formas mais clássicas de símbolos, ainda são encontradas por meio das medalhas, fotografias personalizadas com detalhes dos eventos e as camisas e outras peças que são entregues nos *kits* de inscrição. Algumas medalhas se fundem em peças decorativas que simbolizam o cumprimento de todas as etapas de um ano de um determinado conjunto de eventos.

Descrevem-se a seguir as formas de apropriações de serviços e produtos.

4.1.10 – Objetos, apropriações e utilizações

Os objetos utilizados para realização de uma prática podem ser considerados como os implementos ou ferramentas necessárias para uma tarefa. Entretanto partes do próprio corpo também são utilizadas em tarefas e constituem elementos das práticas (WARDE, 2005).

A corrida de rua, como objeto de estudo da presente pesquisa, é uma atividade corporal que comporta a utilização de alguns objetos para sua prática. Entretanto, a contratação de alguns serviços apresenta-se como parte das rotinas dos corredores de rua. As

transformações fisiológicas para o desempenho da prática podem ser obtidas por meio de processos de compra de intangíveis (COSTA, 2016).

Nesse sentido, complementam esta categoria, as apropriações de serviços que podem constituir parte do desenvolvimento de uma tarefa (HUI, 2012). Essa categoria caracteriza as ferramentas necessárias para as práticas, contribui para a compreensão da instrumentalização das rotinas que compreendem uma determinada prática.

Por conseguinte, é uma categoria que demonstrou capacidade de agrupar a relação de produtos e serviços consumidos pelos corredores de rua.

Os objetos e apropriações para os teóricos da prática devem ser compreendidos da configuração que eles compõem em conjunto com os demais elementos da prática. Nesse sentido, o consumo permeia as práticas dos indivíduos (RECKWITZ, 2002; SHOVE; PANTZAR, 2005; WARDE, 2005).

Na pesquisa realizada por Costa (2016), percebeu-se que alguns itens ou serviços adquiridos pelos corredores de rua são questionados por sua eficiência funcional em relação ao desempenho da prática. No mesmo sentido, relatos sobre a percepção de altos preços cobrados por serviços e produtos foram registrados.

Segundo o mesmo autor, algumas ações de resistência ao consumo foram abordadas pelos corredores. Como a prática da corrida de rua acontece para um conjunto de pessoas em configuração simplificada. Existem corredores de rua que associam a prática a um estado hedônico e contemplativo do simples ato de sair para correr.

Essa característica está associada à simplicidade da prática presente na categoria conhecimento motivacional. Corredores com essas características não seguem planilhas, não contratam professores ou assessorias de corridas. Entretanto, se informam sobre as competições e aspectos relativos à preparação física, mas procuram manter a prática da corrida de rua em um estado mais livre (COSTA, 2016).

O conjunto dos elementos das práticas parece contribuir para a compreensão das formas de consumo com parte das rotinas (COSTA, 2016).

Entretanto, a dinâmica dos elementos da corrida de rua pareceu ter proporcionado mudanças que levaram ao retorno da atividade reconfigurando aspectos de consumo. Segundo Warde (2005), o consumo é um momento dentro das práticas e deve ser analisado pela compreensão de seus elementos.

As configurações da prática da corrida de rua parecem demonstrar vários entendimentos associados ao consumo (COSTA, 2016).

Quanto à resistência ao consumo (subcategoria), segundo Costa (2016), as apropriações, que englobam mais que o momento da compra, formaram em conjunto com produtos e serviços o rol de subcategorias dessa rubrica. Apropriar-se de um objeto para executar uma rotina, não necessariamente implica em uma compra. Nesse sentido a categoria passou a compreender os processos pelos quais os corredores de rua promovem economias e alternativas para compor suas rotinas de utilização de objetos ou de serviços.

Segundo Costa (2016), os produtos e serviços parecem compor diferentes esquemas de valor em função das percepções dos demais elementos das práticas analisados. Por isso tais itens: 'produtos', 'serviços' e 'resistência ao consumo', são elencados como subcategorias desta categoria, pois se caracterizam como as principais manifestações da realidade dos momentos de consumo vividas pelos praticantes das corridas de rua.

Outras características associativas entre os elementos das práticas, as rotinas dos corredores de rua e os momentos de consumo são descritas pela categoria trajetória.

4.1.11 – Trajetória

A trajetória é um elemento capaz de retratar o que tem sido mantido, incorporado ou excluído nas rotinas das práticas (RECKWITZ, 2002).

A corrida de rua possui um entendimento dinâmico que vai sendo constituído pelas percepções e atuações dos seus praticantes (COSTA, 2016).

Segundo o estudo realizado por Costa (2016), a trajetória apresentada como categoria de análise da pesquisa foi identificada mediante um recorte temporal que pode ser considerado insuficiente para abarcar o conjunto de dados substancial para sua análise.

Entretanto, a apresentação dos dados coletados pode ser relevante para considerações relativas às transformações referentes ao espaço temporal que a pesquisa oportunizou atingir. Outra justificativa que sustenta a apresentação dos dados relativos a categoria são as relações que podem ser encontradas com os demais elementos das práticas.

A trajetória das corridas de rua foi apresentada como a última categoria de análise com o objetivo de posicionar as demais categorias em um contexto. Buscou-se retratar a dinâmica das configurações das corridas de rua como prática.

As descrições, realizadas pela presente pesquisa, visaram demonstrar a prática constituída pelos elementos presentes em seus pressupostos teóricos. Os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns (BARDIN, 2011).

A forma como a técnica de análise das coocorrências foi realizada será apresentada no próximo tópico.

4.2 – Análise das Coocorrências

Com o objetivo de descrever o consumo dos corredores de rua expresso em rede social por meio da teoria da prática, os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns (BARDIN, 2011).

Também, segundo Costa (2016), as configurações da prática da corrida de rua parecem demonstrar vários entendimentos associados ao consumo.

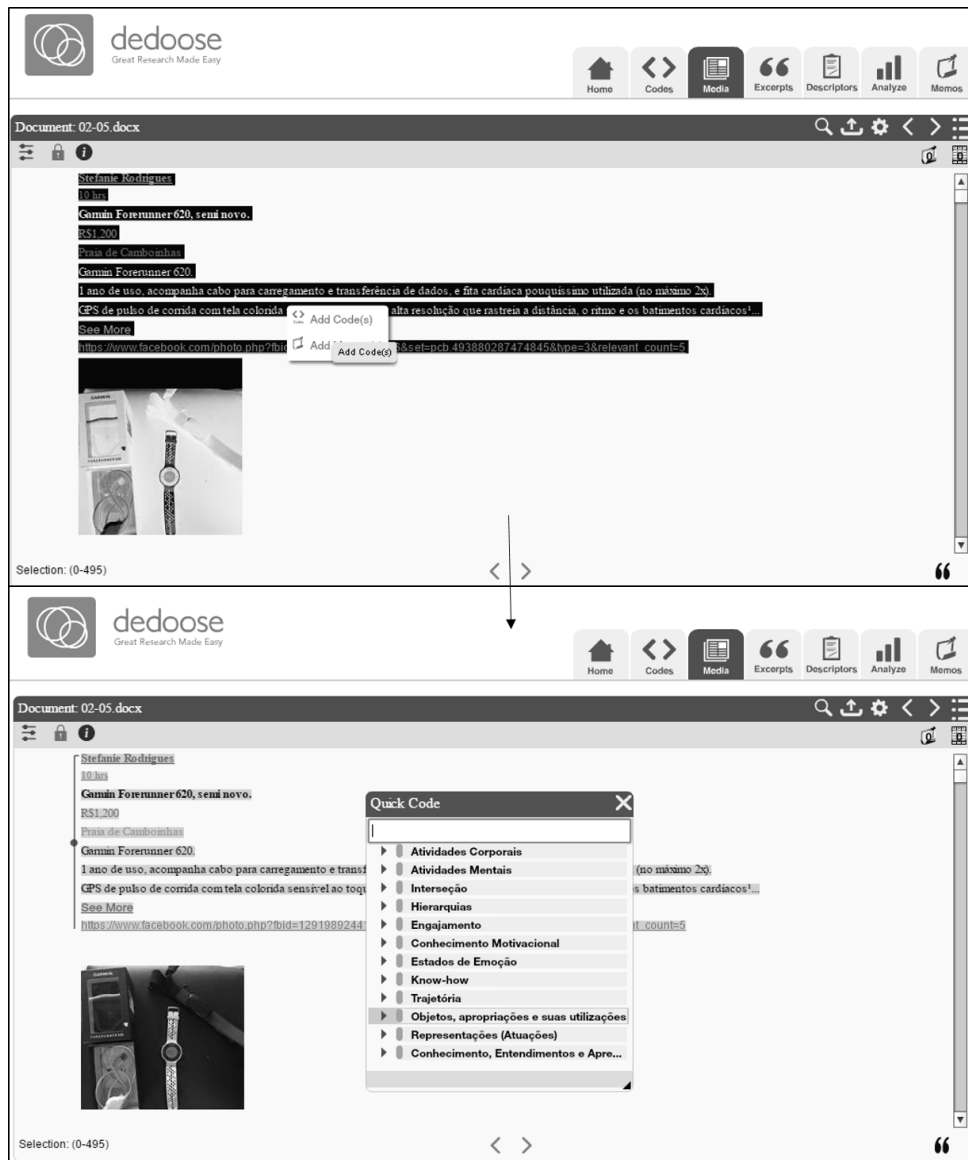
Dessa forma, a análise das coocorrências identificadas no material coletado pode trazer uma compreensão mais frutífera no entendimento de como se dão os momentos de consumo mediante a prática das corridas de rua.

Para tanto, os arquivos de texto e imagem obtidos mediante a coleta foram anexados em um *software* denominado *Dedoose* versão 6.1.18, um aplicativo *web* que gerencia, analisa e apresenta dados de pesquisas qualitativas e mistas. Esse software permitiu a classificação dos tipos diferentes de dados por meio de indicadores determinados pelo pesquisador.

Durante esta etapa, um arquivo de texto (ex: 02/05/2016, se referindo ao dia em que a coleta foi feita) já anexado, era aberto no *software*. A partir daí se selecionavam trechos de textos e imagens, e após a seleção, o *software* abria a opção para adicionar aquele trecho selecionado a um ou mais ‘códigos’. Estes ‘códigos’ se referiam a uma ou mais categorias previamente estabelecidas.

Para ilustrar a situação, a Figura 1 a seguir demonstra um exemplo de adição de um determinado trecho a um ou mais códigos (categorias) específicos.

Figura 1 - Demonstração da adição de um trecho do material a um código (categoria) previamente estabelecido.



Fonte: Do autor (2016).

Após a realização desse procedimento em todos os arquivos coletados pelo período de 1 (um) mês, obteve-se o relato das coocorrências por meio de relatório gerado pelo próprio *software*.

Para fins de análise, a coocorrência se deu por meio do cruzamento da categoria diretamente vinculada aos itens relacionados ao consumo (Objetos, apropriações e suas utilizações) com as demais 10 categorias apresentadas no Quadro 1.

A explanação detalhada dos resultados observados dentro da análise das coocorrências serão descritas no próximo tópico.

5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O resultado do procedimento é apresentado na Tabela 1, que demonstra em termos quantitativos a quantidade de coocorrências observadas por meio do cruzamento proposto entre a categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e as demais categorias.

Tabela 1 - Resultado do procedimento de análise das coocorrências.

Elementos das práticas	Objetos, apropriações e suas utilizações	Produtos	Serviços	Resistência ao consumo e economia
Atividades Corporais	26	21	5	
Atividades Mentais	9	7	2	
Interseção	25	15	9	1
Hierarquias	5	3		2
Engajamento	8	6	2	
Conhecimento Motivacional	13	11	2	
Estados Emocionais	34	23	10	1
Trajetória	13	12		1
Representações (Atuações)	49	43	3	3
Conhecimento, Entendimento e Aprendizado	23	17	3	3

Fonte: Do Autor (2016).

Segundo os dados apresentados na Tabela 1, foram observadas um total de 205 coocorrências entre a categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia), e as demais 10 categorias (Na coluna à esquerda). A quantidade específica de coocorrências em cada categoria é descrita na Tabela 1. As relações que foram identificadas por meio da análise das coocorrências entre as categorias de análise serão explanadas ao longo deste tópico.

5.1 – Coocorrências com as Atividades Corporais

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria de Atividades Corporais se deram principalmente por meio da utilização de aplicativos que permitem a visualização do *feedback* sobre o desempenho dos corredores, especialmente em rotinas de treinamento. Dados como a distância percorrida, o tempo gasto para realizar a prova e outras informações disponíveis que variam de aplicativo para aplicativo, são os principais recursos utilizados.

O treinamento, classificado como subcategoria das Atividades Corporais (Quadro 1), parece ser o principal fator que leva os praticantes da corrida de rua à utilização desses suportes tecnológicos, que além de auxiliar na observação de seus resultados, também trazem informações sobre uma possível evolução ou não nos treinos dos praticantes.

Dessa forma, foi possível observar relações de coocorrência com outras categorias e subcategorias, como por exemplo a sensação de ‘dever cumprido’, a ‘disciplina, determinação e persistência’ e as ‘mudanças de hábitos’, que se repetiram ao longo da análise. A Figura 2 ilustra uma das 26 situações de coocorrência observadas.

Figura 2 – Exemplo de coocorrência com as Atividades Corporais



Fonte: Do Autor (2016).

5.2 – Coocorrência com as Atividades Mentais

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria de Atividades Mentais foram observadas em sua maior parte, pelas oportunidades mencionadas por membros do grupo da inscrição em provas de corrida de rua em locais exuberantes e de paisagem admirável, evocando a subcategoria ‘admirar paisagens/arquiteturas’.

Uma grande parte dos corredores participantes do grupo demonstraram grande interesse em participar dessas modalidades de provas, que tenham como diferencial a escolha por trechos que contenham paisagens diferenciadas.

Também houve por parte dos praticantes, por meio de seus comentários, a menção ao fato de participarem de provas ou treinamentos em locais, segundo os mesmos, com paisagens fascinantes.

Foi observada também a coocorrência com a categoria ‘Trajetória’ por meio da subcategoria ‘Variação das Provas’, pois muitas dessas corridas perpassam por situações diferenciadas, como corridas sobre pedras, trechos com subidas e descidas íngremes e outras variações de provas.

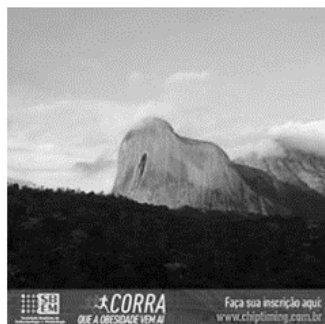
O uso da ‘corrida como terapia’ também foi mencionado por diversos membros do grupo, o que levou à coocorrência com a subcategoria ‘benefícios percebidos’. Por exemplo, houveram situações onde pessoas abandonaram quadros de estresse e ansiedade crônicos após iniciarem a prática de corridas de rua. A Figura 3 ilustra uma das 9 situações de coocorrência observadas.

Figura 3 – Exemplo de coocorrência com as Atividades Mentais



Adriano De Souza Clemente shared [Corra que a Obesidade vem aí's post](#).
17 mins.

As inscrições estão abertas no [site: http://www.chiptiming.com.br/ eventos/obesidade2016](http://www.chiptiming.com.br/ eventos/obesidade2016) e as vagas são limitadas! #vemgente #SbemES #CorraQueaObesidadeVemAí#QuadradoDeSaoPaulinho #RotaDoLagarto #PedraAzul #DescubraoES#DescubraoEspiritoSanto #PedraAzulES #montanhascapixabas #euvo#fimdesemana #amorS2es



Fonte: Do Autor (2016).

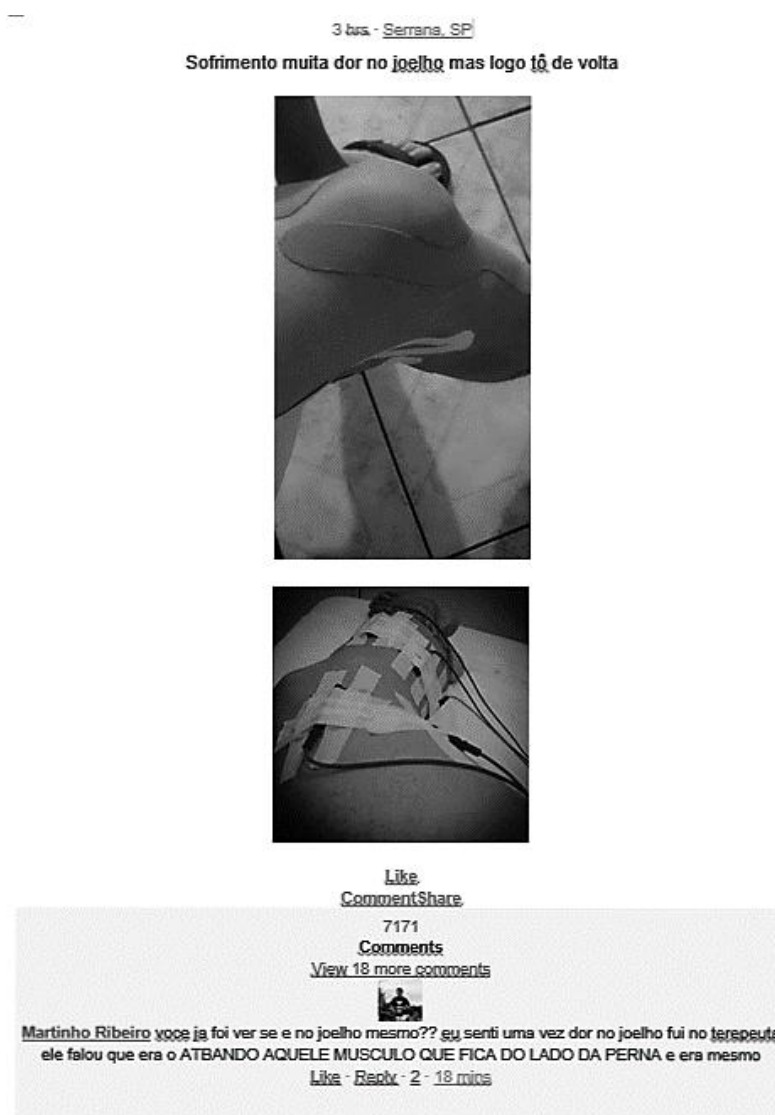
5.3 – Coocorrência com as Interseções

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria de Interseções se deu por meio de ocorrências variadas.

A subcategoria ‘recuperação de lesões’, expressa pelo relato de corredores que estavam se recuperando de lesões obtidas em provas de corrida ou em treinamentos, foi marcada pela menção ao uso de serviços médicos após o acidente e imagens que continham produtos ligados ao tratamento, como por exemplo o uso de remédios e acessórios como o *kinesio taping*.

Outra relação de coocorrência envolvendo as Interseções, se deu por meio da subcategoria “Ouvir Música”, onde o uso de fones de ouvido específicos para a prática de corrida eram constantemente demonstrados por meio de fotos, e a demonstração de interesse por parte dos praticantes no uso de aplicativos com *playlists* específicas para a prática de corridas. A Figura 4 ilustra uma das 25 situações de coocorrência observadas.

Figura 4 – Exemplo de coocorrência com as Interseções



Fonte: Do Autor (2016).

5.4 – Coocorrência com as Hierarquias

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias:

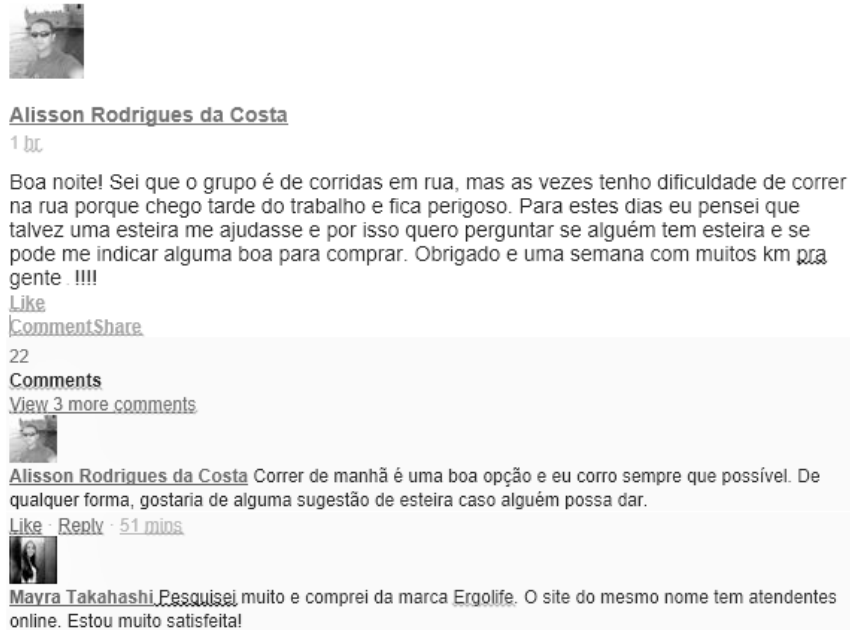
produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria das Hierarquias, se deram por meio de algumas situações específicas, onde um praticante de corrida, por exemplo, não tinha tempo de treinar durante o dia, e com a insegurança em treinar na rua durante o período noturno, perguntou aos membros do grupo sobre opções de esteira para treinar em casa.

Outras relações se deram também por meio de ocasiões onde indivíduos eram impossibilitados de aderir a uma inscrição de corrida por meio de compromissos pessoais, familiares e sociais que chocavam com o dia e horário da realização daquela prova em questão.

Episódios relacionados à resistência ao consumo também foram constatados, se relacionando principalmente às tentativas de alguns praticantes em participarem de eventos de corrida, de acordo com a demanda da sua rotina, mas que foram impedidos de participar em função do alto custo de inscrição para a realização das provas.

Mas também foram constatados casos onde alguns praticantes, apesar de uma enorme quantidade de compromissos diários que envolviam principalmente família e trabalho, foram capazes de adequar os treinamentos dentro de sua rotina e demonstravam seus resultados por meio dos *feedbacks* disponibilizados pelos aplicativos. A Figura 5 ilustra uma das 5 situações de coocorrência observadas.

Figura 5 – Exemplo de coocorrência com as Hierarquias



Fonte: Do Autor (2016).

5.5 – Coocorrência com o Engajamento

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Engajamento, se deram principalmente por meio das demonstrações de ‘Disciplina, Determinação e Persistência’ (subcategoria) relativas às exigências da modalidade.

Como principal exemplo, temos a questão do treinamento. Diversos indivíduos adotaram hábitos de treinar durante a semana e também aos finais de semana e feriados, mediante as mais variadas nuances do clima (sol, chuva e até mesmo neve) e com a presença de dores advindas de lesões ou do acúmulo de fadiga. O principal ponto no que tange aos momentos de consumo, se dá novamente por meio do uso de aplicativos que fornecem o desempenho no treino do dia, fator imprescindível na avaliação da evolução durante o período de treinamento que antecede as provas.

Outras coocorrências também foram observadas, como por exemplo, a contratação de assessoria de treinamento para manter o atleta em dia com os treinos, a fim de obter uma constância na prática e melhorar seu desempenho nas provas que viria a competir.

Também, foi constatado o caso de um atleta que estava se preparando há algum tempo para uma competição internacional, e para isso, havia se preparado de forma determinada e constante para executar a prova, e para disputa-la, precisou contratar o serviço de uma agência de viagens. A Figura 6 ilustra uma das 8 situações de coocorrência observadas.

Figura 6 – Exemplo de coocorrência com o Engajamento

[Rodrigo Taulle at Sydney Airport](#)

9 hrs · Sydney, NSW, Australia

To indo....

Indo pro maior desafio da minha vida..

Indo colocar a prova, dias, noites, semanas de treino duro, onde a expectativa era que essa viagem chegasse....

Indo ver o resultado de tantos cuidados com meu físico, tanto investimento em fortalecimento e condicionamento, tanto aprendizado sobre oq o meu corpo é capaz de fazer.

Indo ENFIM acabar com uma expectativa de mais de 6 meses.....

[See More](#)



Fonte: Do Autor (2016).

5.6 – Coocorrência com o Conhecimento Motivacional

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Conhecimento

Motivacional, se deram principalmente por meio das inscrições feitas por participantes do grupo em provas de corrida de rua que tenham como intenção abordar temáticas relativas às ‘Causas sociais e ambientais’, como por exemplo a ‘Corrida do Câncer de Mama’, levando os corredores a disputarem a prova motivados por uma ‘boa causa’.

Além disso, foram observados casos de superação de pessoas que enfrentavam quadros de obesidade e que, principalmente por meio da corrida de rua, tiveram essas situações revertidas, em especial pela perda de peso sofrida, destacando os ‘benefícios percebidos’ pela prática da corrida.

Juntamente com ela, o uso de serviços como a musculação e a adoção de dietas prescritas por nutricionistas, trabalharam de forma conjunta no objetivo de reverter o quadro. O interessante é que em muitos casos, os depoimentos evoluem da conquista da perda de peso e de um melhor nível de saúde para o aumento do desempenho nas provas. A Figura 7 ilustra uma das 13 situações de coocorrência observadas.

Figura 7 – Exemplo de coocorrência com o Engajamento



Fonte: Do Autor (2016).

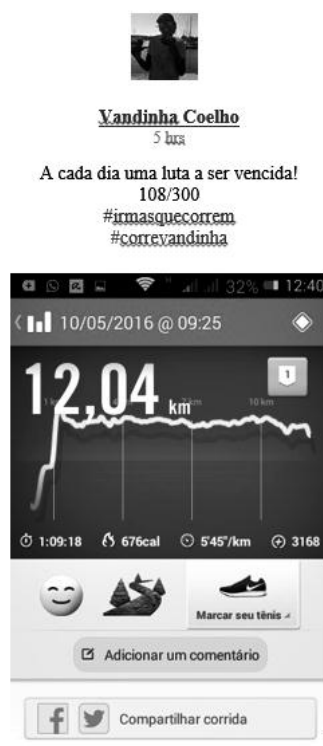
5.7 – Coocorrência com os Estados de Emocionais

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Estados Emocionais, se deram principalmente pelas sensações de ‘superação/dever cumprido’ e ‘alegria, felicidade’ vividas pelos praticantes de corrida de rua, por meio da percepção de evolução nos treinamentos e nas provas de corrida, mediante o *feedback* fornecido pelos aplicativos de treinamento.

Fatores como a diminuição do *pace* (tempo gasto por quilômetro), o tempo recorde em uma prova, entre outras formas de desenvolvimento dentro da prática, foram os principais motivos que levaram a estabelecer a relação entre as sensações citadas em decorrência dos relatórios emitidos pelo aplicativo.

Outro fato constatado, diz respeito ao uso dos serviços de assessorias e treinadores contratados, que auxiliam na preparação e na concretização dos objetivos dos corredores para a disputa de uma prova, o que novamente leva ao estado de superação/dever cumprido, ou à ‘alegria/felicidade’ por concluir uma prova em tempo recorde ou chegar em uma posição que conduz o atleta ao pódio. A Figura 8 ilustra uma das 34 situações de coocorrência observadas.

Figura 8 – Exemplo de coocorrência com os Estados Emocionais



Fonte: Do Autor (2016).

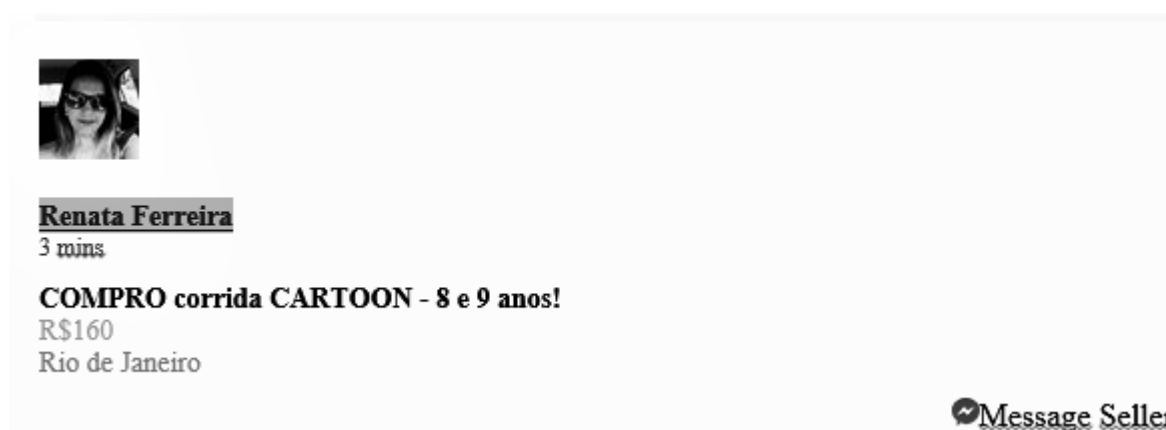
5.8 – Coocorrência com a Trajetória

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Trajetória, se deu de forma praticamente exclusiva pela constatação de membros do grupo interessados realizar

inscrições em corridas que possuíam como característica a subcategoria ‘Variação das provas’, onde acontecem provas diferenciadas, como por exemplo competições específicas para mulheres, para o público infantil, provas de corrida com obstáculos, entre outras manifestações de variações das provas.

Também foram constatadas publicações onde havia o interesse dos corredores pelo consumo de acessórios como vestuário, tênis e equipamentos diferenciados para a realização destes tipos variados de provas. A Figura 9 ilustra uma das 13 situações de coocorrência observadas.

Figura 9 – Exemplo de coocorrência com a Trajetória



Fonte: Do Autor (2016).

5.9 – Coocorrência com as Representações (atuações)

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Representações (atuações), se deram de forma praticamente exclusiva por meio da relação entre a subcategoria ‘Se comparar/competir com o outro’ e a demonstração por parte dos corredores dos resultados obtidos em seus treinos e/ou provas por meio de *feedbacks* disponibilizados pelos aplicativos.

Dessa forma, os corredores pareciam utilizar essas informações como recursos para expor suas conquistas e evoluções na prática das corridas de rua mediante todos os membros do grupo, se caracterizando como uma forma de exibição e demonstração de resultados.

Outro fator também constatado, é a presença da subcategoria ‘Chamar pessoas para correr’, por meio da observação de corredores que postavam fotos relacionadas à eventos de corrida, e convidavam pessoas do grupo e amigos a participarem destas provas, ‘incentivando pessoas’ (outra subcategoria) a aderirem a estas provas, provocando o consumo de inscrições para diversas corridas. Houve também a constatação de pessoas que corriam na “pipoca” (participação de corredores de rua em provas sem pagar pela taxa de inscrição), prática representada pela subcategoria ‘resistência ao consumo e economia’. A Figura 10 ilustra uma das 49 situações de coocorrência observadas.

Figura 10 – Exemplo de coocorrência com as Representações (Atuações)



Fonte: Do Autor (2016).

5.10 – Coocorrência com os Conhecimentos, Entendimentos e Aprendizados

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias:

produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Conhecimentos, Entendimentos e Aprendizados, se deram principalmente por meio do interesse em membros do grupo em adquirirem produtos e/ou serviços (como por exemplo tênis e monitores de corrida), mas que antes de realizar a compra, pediram conselhos a outros membros do grupo sobre a eficiência e qualidade daquele produto.

A maior parte das relações se configuraram por meio de indivíduos com interesse prévio de compra, mas que antes de concretizá-la, recorriam às opiniões alheias, por considerarem importantes e relevantes os relatos dados baseado no reconhecimento de conhecimentos, entendimentos e/ou aprendizados destes indivíduos sobre os produtos e/ou serviços mencionados. Houve também a constatação de práticas associadas à subcategoria ‘resistência ao consumo e economia’, por meio da exposição de membros do grupo a respeito de históricos de provas onde indivíduos de faixa etária adulta se inscreviam nas provas como idosos para ganharem desconto na inscrição de provas de corrida de rua. A Figura 11 ilustra uma das 23 situações de coocorrência observadas.

Figura 11 – Exemplo de coocorrência com os Conhecimentos, entendimentos e aprendizados.



John Santos

5 hrs

Galera alguém pode dar opinião sobre o energia boost? Obrigado!!



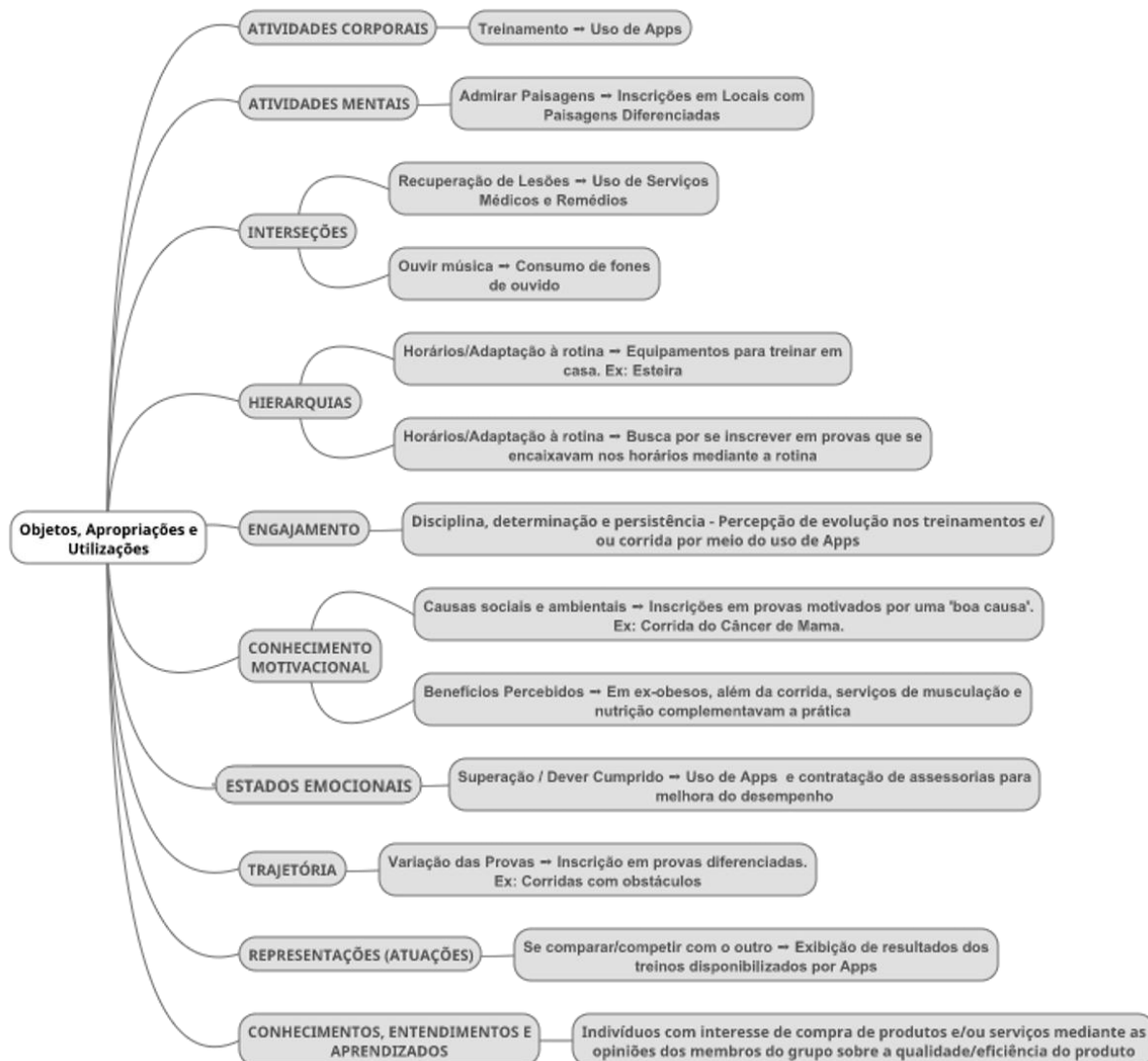
Fonte: Do Autor (2016).

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da teoria das práticas como base teórica para a construção deste estudo, se mostrou um bom instrumento para a análise das relações ocorridas entre as práticas pertinentes à modalidade da corrida de rua e os momentos de consumo gerados por elas. Como se desejou, diversos momentos de consumo foram observados e capturados na rede social *facebook*, e a análise de conteúdo por meio da técnica das coocorrências como forma de análise dos dados, tornou possível a compreensão de como ocorrem esses momentos com o decorrer das práticas.

Para tanto, no Quadro 2, é proposto um modelo representativo que demonstra os principais achados mediante a análise das coocorrências entre a categoria ligada aos momentos de consumo e as demais 10 categorias que configuram os elementos das práticas propostas por Costa (2016), juntamente com as subcategorias mais frequentemente mencionadas.

Quadro 2 – Modelo Representativo com os principais achados



Fonte: Do Autor (2016).

Este modelo buscou retratar os principais achados através da técnica de análise das coocorrências (BARDIN, 2011). Estes achados mostram a relação que pode ser estabelecida entre os elementos das práticas propostos por Costa (2016), e de que forma eles podem levar ao consumo de determinados produtos e serviços que são utilizados em decorrência do aporte que podem oferecer no decorrer da prática da corrida de rua.

O principal produto e/ou serviço consumido em relação à categoria ‘Atividades corporais’ foi o uso de aplicativos para o acompanhamento do desempenho nos treinamentos em tempo real, observação que fortalece a presença da subcategoria ‘Treinamento’ dentro desta rubrica.

Já em relação à categoria ‘Atividades mentais’, a principal constatação de produto e/ou serviço consumido foi a inscrição em provas com paisagens diferenciadas, evocando a subcategoria ‘admirar paisagens/arquiteturas’, observada a importância de levar em consideração não apenas o trabalho corporal que é proporcionado nas corridas, mas também o uso do domínio mental, buscando um equilíbrio entre corpo e mente (GUISELINI, 2006).

A categoria ‘Interseções’ teve como principal item de consumo o uso de serviços médicos, em razão de acidentes sofridos por praticantes de corrida de rua durante provas ou treinamentos. Observou-se nessas situações a relação próxima com a subcategoria ‘Recuperação de lesões’.

Na categoria ‘Hierarquias’, o uso de equipamento para treinamento de corrida em casa, como por exemplo a esteira, foi o principal item de consumo relatado nesta rubrica. As adequações à rotina (subcategoria) parecem ter levado alguns membros do grupo a tomarem esta decisão de consumo.

Associado à categoria ‘Engajamento’, o uso de aplicativos que demonstravam por meio de relatórios de desempenho a evolução do indivíduo nos treinamentos e/ou provas, foi o item de consumo mais utilizado, pois pareceu servir como importante fator de motivação extrínseca (motivação que tem origem em fatores externos) para a permanência e engajamento dos praticantes nas demandas de treinamento exigidas pela modalidade.

Na categoria ‘Conhecimento motivacional’, o item de consumo mais observado foi a inscrição em provas de corridas de rua que foram organizadas com o objetivo de divulgar ou chamar a atenção do público para alguma ‘causa social e/ou ambiental’ (subcategoria), fator que em diversas situações levaram os praticantes a se inscreverem nestes eventos sob a alegação de disputar essas provas motivados por uma “boa causa”.

Já na categoria ‘Estados emocionais’, o uso de aplicativos especializados de corrida foi o principal item de consumo constatado, já que houveram diversos relatos de corredores que sentiam a sensação de ‘superação/dever cumprido’ (subcategoria desta rubrica) por meio do cumprimento dos objetivos de treino propostos por esses suportes tecnológicos.

Na categoria ‘Trajetória’, a inscrição em provas variadas (subcategoria) que vão além do padrão tipicamente observado nas corridas de rua tradicionais, como as corridas em trilhas por exemplo, foi o item de consumo mais observado mediante a análise de coocorrências com esta rubrica.

A categoria ‘Representações (atuações)’, teve como principal item de consumo o uso de aplicativos que emitem relatórios de desempenho, que posteriormente eram utilizados para exposição dos resultados perante os membros do grupo, fator que parece se relacionar com a subcategoria ‘Se comparar/competir com o outro’, pertencente a esta rubrica.

Na categoria ‘Conhecimentos, Entendimentos e Aprendizados’, a observação dos momentos de consumo foi constatada principalmente pela opção de compra de um determinado produto e/ou serviço por um indivíduo somente após considerar a opinião de outros praticantes da modalidade sobre aquele produto e/ou serviço em função dos seus possíveis conhecimentos e/ou entendimentos sobre aquele item de consumo.

Este trabalho teve por objetivo identificar o comportamento de consumo de corredores de rua. Utilizou-se para esse fim, a abordagem da teoria da prática proposta para estudos sobre o consumo (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001; WARDE, 2005).

Essa proposta visou sistematizar a compreensão do consumo por meio das interconexões de elementos das práticas que são indicadas como forma específica de entendimento de um conjunto de rotinas. Essa percepção, advinda dos pressupostos da teoria da prática, contribuiu para o entendimento do comportamento do consumidor de corridas de rua, demonstrando avanços no entendimento desse público.

Os avanços se deram principalmente pela possibilidade de realização do presente estudo mediante a abordagem diferenciada da teoria das práticas no entendimento do comportamento de consumo dos indivíduos.

Por meio dela, tornou-se possível a compreensão de que os indivíduos não são orientados ao consumo somente pela influência de campanhas publicitárias, como constantemente é mencionado em estudos sobre essa temática, mas que segundo Borelli (2012), também pode ser verificado por meio de elementos que são abordados na rotina dos praticantes, que os levam aos momentos de consumo.

7 – REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L.; KJELLBERG, H.; SPENCER, R. **Market practices and forms: introduction to the special issue.** *Marketing Theory*, v. 8, n. 1, p. 5–14, 2008.

BRASIL. **Saúde Brasil 2010 uma análise da situação de saúde e de evidências selecionadas de impacto de ações de vigilância em saúde.** Brasília, DF: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 281 p.

BORELLI, F. C. **A Practice Theory e o Estudo do Consumo: Reforçando o Chamado de Alan Warde.** V EMA - Encontro de Marketing da ANPAD, p. 1–11, 2012.

BUGGE, A. B.; ALMAS, R. **Domestic dinner: Representations and practices of a proper meal among young suburban mothers.** *Journal of Consumer Culture*, v. 6, n. 2, p. 203–228, 2006.

CORPORE. **Corredores Paulistas Reunidos.** Disponível em: <http://www.corpore.org.br/cor_estatisticas.asp>. Acesso em: 25/4/2016.

COSTA, P, AMÉRICO: **O comportamento de consumo do corredor de rua: uma visão baseada na teoria da prática,** 2016.

CRIVITS, M.; PAREDIS, E. **Designing an explanatory practice framework: Local food systems as a case.** *Journal of Consumer Culture*, v. 13, n. 3, p. 306–336, 2013.

DALLARI, M, Martha. **Corrida de rua: Um fenômeno sociocultural contemporâneo,** 2009.

FONSECA, Z, THIAGO: **Corrida de rua: o aumento do número de praticantes migrando para maratonas,** 2012.

GRAM-HANSSON, K. **Understanding change and continuity in residential energy consumption.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 11, n. 1, p. 61-78, Mar. 2011.

GUISELINI, M. **Aptidão Física, saúde e bem-estar: Fundamentos Teóricos e Exercícios Práticos.** 2ª ed., p 101-102, 2006.

HALKIER, B.; JENSEN, I. **Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study on handling nutritional contestations of food consumption.** *Journal of Consumer Culture*, v. 11, n. 1, p. 101–123, 2011.

HALKIER, B.; KATZ-GERRO, T.; MARTENS, L. **Applying practice theory to the study of consumption: theoretical and methodological considerations.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 11, n. 1, p. 3-13, Mar. 2011.

HAND, M.; SHOVE, E. **Condensing Practices: Ways of living with a freezer.** *Journal of Consumer Culture*, v. 7, n. 1, p. 79–104, 2007.

HUI, A. **Things in motion, things in practices: how mobile practice networks facilitate the travel and use of leisure objects.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 12, n. 2, p. 195-215, June 2012.

LIMA, J.B. **Pesquisa Qualitativa e qualidade na produção científica em administração de empresas.**In: XXIII ENANPAD, Anais... Foz do Iguaçu, 1999.

LOURENÇO, T. **As corridas de rua no Brasil - um resumo.** In: L. DaCosta (Ed.); *Atrlas do Esporte no Brasil*. p.8248–8249, 2006. Rio de Janeiro.

MAGAUIDA, P. **When materiality “bites back”: Digital music consumption practices in the age of dematerialization.** *Journal of Consumer Culture*, v. 11, n. 1, p. 15–36, 2011.

MORING, C.; LLOYD, A. **Analytical implications of using practice theory in workplace information literacy research.** *Information Research*, Lund, v. 18, n. 3, p. 1-12, Sept. 2013.

PLESSZ, M. et al. **How consumption prescriptions affect food practices: assessing the roles of household resources and life-course events.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 16, n. 1, p. 101-123, Mar. 2016. 2014

RECKWITZ, A. **Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing.** *European Journal of Social Theory*, London, v. 5, n. 2, p. 243-263, May 2002

RIBEIRO, C.; LOVISOLO, H. **Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil.** *Rev Bras Educ Fís Esporte*, v. 27, n. 3, p. 401–410, 2013.

SALGADO, J.; CHACON-MIKAHIL, M. **Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes.** *Conexões*, v. 4, n. 1, p. 90–99, 2006.

SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; VONSAVIGNY, E. **The practice turn in contemporary theory**. 1. ed. London: Routledge, 2001.

SHOVE, E. **Consumers, Producers and Practices: Understanding the invention and reinvention of Nordic walking**. *Journal of Consumer Culture*, v. 5, n. 1, p. 43–64, 1 mar. 2005.

SHOVE, E.; PANTZAR, M. **Consumers, producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic walking**. *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 5, n. 1, p. 43-64, Mar. 2005.

TOFT-NIELSEN, C.; STINNE GUNDER STRØM, K. **Gaming practices in everyday life**. *Mediakultur, Copenhagen*, v. 31, n. 58, p. 68-84, 2015.

TRUCCOLO, A.; MADURO, P.; FEIJÓ, E. **Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida**. *Motriz, Rio Claro*, v. 14, n. 2, p. 108–114, abr./jun., 2008.

TRUNINGER, M. **Cooking with Bimby in a moment of recruitment: Exploring conventions and practice perspectives**. *Journal of Consumer Culture*, v. 11, n. 1, p. 37–59, 2011.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2nd ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WARDE, A. **Consumption and theories of practice**. *Journal of consumer culture*, v. 5, n. 2, p. 131–153, 2005.

WATSON, M.; SHOVE, E. **Product, Competence, Project and Practice: DIY and the dynamics of craft consumption**. *Journal of Consumer Culture*, v. 8As such, , n. 1, p. 69–89, 2008.